

**LENTE DISTORCIDAS: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO
EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO CAMEAM / UERN**

Prof. Ms. Bertulino José de Souza
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

RESUMO

O presente texto trata da produção do conhecimento processada pelo Curso de Educação Física da UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte no Campus Avançado Profa. Maria Elisa Albuquerque Maia em Pau dos Ferros (RN, Brasil). Nele é historiado os aspectos relevantes para se conhecer os interstícios de uma forma de pensar a área da Educação Física característico aos docentes que ali atuam, bem como as reverberações que nos permitem afirmar a singularidade do saber por estes dialogado. Na metáfora da lente, provocamos e somos provocados a refletir a epistemologia e a inspiração de profissional que pretendemos tendo por base a articulação ensino, pesquisa e extensão.

PALAVRAS CHAVE: Produção do conhecimento, Educação física, saberes

**DISTORTED LENSES: AN ANALYSIS OF THE PRODUCTION OF KNOWLEDGE
IN PHYSICAL EDUCATION IN CAMEAM / UERN**

ABSTRACT

The present text deals with the production of knowledge processed by Curso de Educação Física from UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte in Campus Avançado - Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia, in Pau dos Ferros (RN, Brazil). Here we make a historic of relevant aspects in order to make known the interstices of a way of thinking the area of Educação Física which is characteristic of the professors who work there, as well as the reverberations which allow us to affirm the singularity of knowledge discussed by them. In the lens metaphor, we instigate and are also instigated to reflect the epistemology and the inspiration of the professional we intend, based in the articulation Teaching, Research and Extension.

KEYWORDS: knowledge production – Educação Física - knowledge

LENTE DISTORCIDAS: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO CAMEAM/UERN

CONSTRUINDO INTERPRETAÇÕES E OLHANDO DE LADO.

Lentes servem para mostrar o mundo com mais fidelidade. Elas penetram no objeto mostrando suas qualidades, atributos, mas também verificando como estas operam. São instrumentos que nos permitem ver aquilo que não necessariamente nos são indicados. Quando estas lentes são distorcidas, elas podem nos proporcionar dois efeitos: um, que permite ver aquilo que está oculto ao olho nu pelo simples fato deste não abarcar o ângulo de visão, outro por alterar e subverter os eventos de maneira a torná-los mais adaptáveis à realidade e ao nosso desejo individual ou coletivo.

O primeiro produz uma abertura expressiva na medida em que nos permite acessar dados periféricos e subliminares, pouco conquistáveis pelos artifícios convencionais, são estratégias cognitivas e acessos diferenciados que aos olhos do estudioso - do pesquisador em especial, mas também do cidadão comum, representam o contato com o novo, talvez surpreendente. O outro indica um risco (minimizando a palavra risco), pois nos seduz a moldar com as lentes uma realidade pré-desejada – uma modalidade de indução que freqüenta freneticamente as cabeças que decidem a ação humana – podendo no entanto, passar a ser compreendido como avanço o que é apenas uma manipulação para adaptar a realidade às exigências da área ou da instituição.

Foi sob esta perspectiva que desenhamos este texto – uma reflexão sobre o que realmente representa avanço na produção do conhecimento no Curso de Educação Física do CAMEAM (Campus Avançado Profa. Maria Elisa Albuquerque Maia – Pau dos Ferros/RN). Para tanto, nos propomos algumas interrogações para debate neste ensaio.

O que é a produção do conhecimento e como ela tem se dado na Educação Física? Recorremos a Fensterseifer (2006) para tentar subsidiar a discussão e compreender um pouco o papel do saber e nesta área, permitindo-nos entender qual uso da lente nos serve e qual devemos ver com reservas na produção do conhecimento no Curso de Educação Física em Pau dos Ferros/RN.

Fensterseifer (2006), cria uma divisão na idéia então vigente de epistemologia, dividindo a epistemologia, que passou a ser apenas o conjunto dos conceitos já vigentes, da atividade epistemológica, que consistia na atividade de criar, dimensionar e definir os novos conceitos, questionando o quem-como-porquê da produção científica.

O autor opina que reside no conceito de atividade epistemológica, a essência de sua discussão. Para ele, a construção do espaço das verdades se constitui como o real exercício. Seus conceitos inauguraram a preocupação com o porquê-como-quem produzir na pesquisa acadêmica. A busca de um estatuto para a Educação Física que é também uma interrogação sobre sua essência – rumos - subjetividades problematiza sua atual condição, tentando dialogar com conteúdos de outras áreas que, segundo entendemos, se interconectam, a

saber: “filosofia da ciência, teoria do conhecimento, sociologia do conhecimento, epistemologia etc” (p. 30).

Adotamos o olhar de Medina (1990) como apoio para discutir um pouco sobre as emergencialidades que Fensterseifer coloca sobre a produção das verdades. Historicamente a Educação Física se alicerça de narrativas e juízos de valores que tendem serem entendidos como metanarrativas. A percepção de que há uma única maneira de se fazer e de se analisar as ações da área têm levado estudantes, professores e pesquisadores e atuarem sob um olhar fechado, impedindo que este se abra a diferentes perspectivas. Por isto recorremos a Medina. O autor muito habilmente nos incita – “A educação física precisa entrar em crise”, na medida em que discute nossa relação de ser – no – mundo.

O que nos intriga e provoca são as afirmações de Medina (1990) quando este nos alerta sobre como se dá a relação deste ser – no mundo, ou seja, ela ...”é constantemente escamoteada, obstacularizada, cerceada, impedida, driblada, evitada, reprimida, desencorajada”. (p.22).

Tecnicamente é este o nosso cenário, da mesma forma que ele representa nosso espaço de discussão e transformação da realidade. Cremos que na ação política dos sujeitos, reside o estabelecimento da crise, de maneira a atender com eficácia um projeto mais refletido e duradouro. Apostamos em procedimentos que minem as bases estabelecidas pela tradicionalidade e possam ser compreendidos como radicais, na proporção que mergulham na raiz do problema e buscam alternativas conseqüentes. Foi com esta percepção que o Curso de Educação Física do CAMEAM começou suas atividades, vale destacar que alguns atores sociais passaram, mas sua ação incisiva foi determinante para o que registramos a seguir.

CÔNCAVO – UM POUCO DA HISTÓRIA DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO CAMEAM

O curso de Educação Física do Campus Avançado profa. Maria Elisa Albuquerque Maia inicia suas atividades em agosto de 2004 sob a coordenação do prof. Esp. Norumberg Morais Monte e também sob sua coordenação, principia também o primeiro projeto de extensão do curso, tratando da questão do esporte nas escolas públicas municipais de Pau dos Ferros. Com o prof. Norumberg iniciamos o debate sobre o espaço das duas áreas as quais a Educação Física se baseava para produzir conhecimento: Cultura Corporal de Movimento e Bases Biológicas Aplicadas à Educação Física.

Esta divisão imposta institucionalmente, pois mantínhamos relação de aceitação dos componentes curriculares e do Projeto Político Pedagógico do campus da UERN em Mossoró nos mantinha “alinhados” a outra percepção de curso e formação que não era a nossa, assim, apesar de estarmos em compasso de espera para a aprovação de um novo Projeto que refletisse de maneira mais expressiva, nossa concepção de curso e de formação, mantínhamos nossas atividades. No plano doméstico, poderíamos conceituar nosso cotidiano profissional dividido também como dois fronts (a palavra expressa exatamente o

real), pela demanda de área a que estavam numericamente submetidos os docentes para realizar seu ofício, ou seja: Cultura Corporal de movimento e Bases Biológicas Aplicadas à Educação Física.

De maneira cristalina, o curso era conduzido pela percepção da Educação Física como cultura – linguagem e outra biologia – eficiência/resultado. Pólos que dominaram e de certa forma dominam a produção do conhecimento, a inserção dos docentes e o interesse de nosso corpo discente.

Lovisoló (2000, apud Fensterseifer 2006, p. 26) sintetiza um pouco da percepção e do enfrentamento daqueles que se situam na área da Cultura Corporal de Movimento ao afirmar sobre o gesto esportivo:

é relatado na linguagem da criatividade, da originalidade, do belo e do sublime, do gosto e do prazer. O gesto esportivo pode elevar aos cumes da emoção exaltada ou nos enviar para a profundidade da depressão. Impulsiona a enfrentar o novo, abandonando a segurança do gesto conhecido; impulsiona a criar e explorar possibilidades ignoradas, mesmo no campo das reações fisiológicas, psicológicas e psicofisiológicas. Os membros da tribo [da potência] parecem não ter medo de morrer, talvez porque não têm medo de viver.

Observemos como o Fensterseifer (2006) fala o que aqui conceituamos como limites em um pólo e eficácia/resultado noutro. Para o autor “o pathos do esporte move-se entre excesso, padecimento, sofrimento, glória e honra, parece que pouco se importando em por a vida em risco...parece ser este o ‘espírito’ das paixões...”. (p.26)

Com relação ao desempenho e com a orientação da eficácia/resultado, Rodrigues (2005, p.156) discute o papel do homem – massa nas práticas corporais esportivas como uma relação de amor e ódio. Para o autor, o amor hedonístico eclode das relações sociais e da insatisfação com o corpo. Dele surge também o desejo de matar a forma não amada, de assassinar com veemência o corpo que não corresponda aos cânones propagados especialmente pela mídia e pelos valores pequeno-burgueses. Cabe às práticas corporais dar cabo a este corpo. Como? O esporte é um bom meio. Mas de qual esporte falamos?

Creemos que esta fala seja a representada por Freire (1992, p. 115) ao referir-se à relação de confinamento e engorda como métodos de castração e modelagem a que são submetidos os sujeitos nas aulas de Educação Física. Modelos de desrespeito à singularidade humana e um projeto de subversão da infância ao minar nas crianças a criatividade, ocorrências típicas do espaço escolar, mas não privilegio deste. Vejamos:

Não é por acaso que a Educação Física não tem qualquer importância nas escolas. Não incomodará nem será incomodada enquanto mantiver como paradigma o estereótipo militar ou o palavrório inócuo e alérgico a práticas. Mas será fortemente incomodada quando aprender a praticar a liberdade dos corpos...os problemas de rejeição da Educação Física agravar-se-ão quando ela puder mostrar que as pessoas vão à escola mas não aprendem...

Decisivas as palavras de Freire (1992,p. 116) quando trata da relação de aprendizado a que são submetidas as crianças:

Parece uma loucura, mas é a lógica do sistema escolar: crianças não podem raciocinar se movendo; não podem refletir jogando; não podem pensar fantasiando. Então, para que se tornem inteligentes e produtivas, precisam ser confinadas e engordadas. Essa é a economia do sistema escolar.

Acreditamos como Freire (1992, p. 121) que “crianças não confinadas também aprendem. Crianças não confinadas precisam de professor e orientação. Outras aprendizagens, outros professores, outras orientações”.

Tubino (2001, p. 26) legitima esta posição ao apresentar as dimensões sociais do esporte como um passaporte possível para que entendamos um processo de democratização, ou seja, “implicará sempre numa prática esportiva livre, onde a liberdade estará sempre implícita”.

Em busca deste horizonte, por diversas vezes objetivamos nossas atividades no sentido de capturar com profundidade, mecanismos pelos quais, operacionamos o curso de Educação Física do CAMEAM com mais qualidade. Desta forma, o surgimento do Grupo de Estudos em Arte, cultura e qualidade de vida foi o ponta – pé inicial para que pensássemos projetos de pesquisa e extensão. Naquele momento, as contribuições do Prof. Dr. Sandoval Villaverde Monteiro lotado no curso, foram decisivas. Passávamos por um processo de politização do sujeitos e das ações. A pesquisa emerge como uma forma de recontextualizar o cenário da Educação Física naquelas paragens. Autores como Gaston Bachelard e Kátia Rúbio começam a fazer parte da corrente sanguínea dos conteúdos oficialmente estudados e a idéia de Imaginário eclode.

CONVEXO - O PAPEL DA PESQUISA NO FOMENTO A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E O ANUNCIO DO IMAGINÁRIO COMO PERSPECTIVA DE INVESTIGAÇÃO.

Chaves (2007, p. 90) em estudo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física e Esporte da Universidade Federal da Bahia analisa a composição investigativa no nordeste brasileiro (Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe) de 1982 a 2004. No conjunto, são analisadas a recorrência de temas, abordagens/interesses/período, titulação dos pesquisadores e grupos temáticos na perspectiva de localizar massa crítica e potencial humano a partir da identificação nas dissertações e teses – produção científica, as tendências epistemológicas desenvolvidas.

Percebemos com o estudo, a importância de identificar tais tendências, pois invariavelmente elas são reveladas no ensino, na pesquisa e na extensão e não acontecem impunemente. Trazem consigo representações fortíssimas de como devem ser conduzidas, pensadas, problematizadas situações triviais e complexas do cotidiano da área.

Neste sentido e com a expectativa de produzir conhecimento, parasitamos a questão da subjetividade apoiada na idéia de cultura para pensar o momento da realização da copa do mundo de 2006. Tínhamos como miríade, capturar a percepção de pessoas que se interessassem pela questão do futebol e se propusessem a serem sujeitos da pesquisa durante todo o evento esportivo. Tínhamos em mente que, somente o acompanhamento

rigoroso poderia dar a dimensão das três questões centrais para a pesquisa: mídia, emoção e transformação social.

Desta maneira, em 2006, às vésperas da Copa do Mundo na Alemanha, iniciávamos junto às turmas, o debate sobre Cultura e os primeiros desenhos de um projeto de pesquisa. Estávamos preocupados em estabelecer um espaço de diálogo em que o termo cultura pudesse ser pensado de diferentes maneiras.

Com a propagação na mídia sobre a Copa e a associação dos eventos que dela decorrem no seio da sociedade, idealizamos o projeto de Pesquisa – **Da cultura do futebol ao futebol como cultura**. Nascia a primeira investigação institucional do curso e com o propósito de tratar três dimensões relacionadas à Cultura futebolística: a) a amplitude e profundidade de informações veiculadas pela grande mídia por ocasião do evento; b) O tipo e origem da emoção desencadeada pelo evento esportivo no cidadão comum e c) qual a percepção de transformação social decorrida do espetáculo esportivo – Copa do Mundo.

A rotina de pesquisa foi instalada antes da Copa com questionário estruturado – traçando o perfil do entrevistado e tendo como critério de escolha, pessoas que se interessassem pelo futebol como modalidade esportiva. E ainda, necessariamente, que fossem moradores do Alto Oeste Potiguar, sendo aplicada somente durante a realização dos jogos do Brasil.

A subjetividade expressa nos resultados da pesquisa trouxeram a baila, algo que provocou as bases do curso, particularmente em alguns membros do corpo docente – a idéia de Imaginário. O que questionávamos com a pesquisa, era o desvendar da subjetividade dos consumidores do espetáculo esportivo. Dado novo para os pesquisadores e intangível para os pesquisados – eis a relevância que atribuímos à pesquisa. Nossa intervenção deixava de ser mera especulação para interrogar as bases de nossa ação política enquanto estimuladores, incentivadores e implementadores do esporte, da educação física e dos espetáculos esportivos em suas diferentes dimensões.

Fragmentos dessa análise foram problematizados no ENCOPE – Encontro de Pesquisa e Extensão da UERN no GT: Educação Física, sociedade e saúde em 2007; na I Reunião Equatoriana de Antropologia e nas estratégias de elaboração da I Semana do Curso de Educação Física, Esporte e Lazer do CAMEAM em 2008. A interconexão indissociável proporcionada pela temática do Imaginário e posteriormente do Imaginário no esporte também alcançou a idealização para este mesmo ano, 2008, o Colóquio do Imaginário. Evento que se propunha a dialogar com diferentes áreas de conhecimento, particularmente as inquietações que tínhamos no decorrer da pesquisa, fruto talvez de nossa imaturidade intelectual.

O termo imaginário, assim como os autores, que nos permitiram traçar um perfil investigativo ainda permanecem como tabus, tais as resistências teóricas que balizam a Educação Física em Pau dos Ferros. Desta maneira, não nos restava outra alternativa a não ser ousar, cada vez mais. Reconhecemos o caráter impositivo de nossa ação, no entanto, também visualizamos a emergência de outras tendências dentro do curso, basicamente aquelas voltadas para a valorização da performance, orientada pelas disciplinas

Treinamento Desportivo e Fisiologia do Exercício, revelando qualidades ainda não pensadas.

LENTE MULTIFOCALIS.

O momento atual da Educação Física do CAMEAM revela um cenário de exuberância. Parte disto pode ser observada na implementação da **I Semana de Educação Física, Esporte e Lazer** e **III Encontro Norte-Riograndense de Ciências do Esporte – CBCE/RN** com a temática central: **Produção do conhecimento e atuação profissional.**

O conjunto discursivo que operacionaliza o evento conta com profissionais reconhecidos, mas, sobretudo, delinea um panorama sofisticado ao discutir no sertão potiguar a produção do conhecimento em suas mais diversas tendências e interrogar a atuação dos profissionais da área.

É com esta expectativa que assistimos à conferência de abertura da professora Doutora Isabel Mendes ao tratar do mapeamento da produção do conhecimento tendo por referência a RBCE (Revista Brasileira de Ciências do Esporte) e os conceitos que condicionam as práticas corporais. Também, a mesa redonda onde os professores doutores Eduardo Ribeiro Dantas, Humberto Jéferson e Sandoval Villaverde Monteiro discutem os campos de atuação profissional da Educação Física: Educação, Saúde e Lazer, respectivamente. Assim como a mesa redonda que trata dos desafios da formação em pesquisa e pós graduação em Educação Física no Rio Grande do Norte e na região Nordeste, objeto de debate da Profa. Dra. Elaine Melo de Brito Costa Lemos e prof. Ms. Bertulino José de Souza.

Da mesma forma e com a intenção que os operadores cognitivos acionados com o evento se traduzissem como uma prática sistemática e ficassem incorporados ao cotidiano dos participantes. Nossa intenção é que este momento sirva como referência para que as ações em Educação Física, Esportes e Lazer possam ser seriamente problematizadas e serem objeto de interrogação científica, assim como deve ser feito.

Nossa pretensão é que cada objeto discursivo seja tratado em sua profundidade, que abandonemos a aparência dos fenômenos e os tratemos a partir de sua essência. Sugerimos com isto uma multifocalidade. Nela, a educação pelo olhar implica na idéia progressiva do conhecimento e no desejo de transformação social, tão caros à formação em Educação Física. Apostamos, sobretudo na condição humana de desvendar diferentes cenas de seu cotidiano, buscando sempre compreender os equívocos e os avanços, tratando cada qual com uma dosagem ebulitiva de segurança e incerteza. Sempre no limite da aceitação dos fatos. Propomos uma educação dos sentidos. O olhar que procura o conhecimento acima, abaixo ao centro e a dentro, em todas as suas dimensões... Nossas lentes estarão voltadas, sempre, para perceber a distorção e corrigi-la, eis um de nossos compromissos.

REFERÊNCIAS

BREGOLATO, Roseli Aparecida. Princípios do esporte educacional. In: **Cultura corporal do esporte**. São Paulo: Ícone, 2003 (Coleção Educação Física Escolar: no princípio de totalidade e na concepção histórico – crítica – social – Vol. 3)

CHAVES, Márcia; GAMBOA, Silvio Sanchez; TAFARREL, Celi Nelza Zulke. A pesquisa em Educação Física no nordeste brasileiro. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas/SP: Autores Associados. V.29,n 1, set. 2007.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Esporte na contemporaneidade: uma experiência de fronteira. In: **O fenômeno esportivo – ensaios críticos e reflexivos**. Ricardo Rezer (Org.). Chapecó: Argos, 2006.

_____. Atividade epistemológica e Educação Física. In: **Saberes e práticas da Educação Física**. João Pessoa: EdUFPB, 2006.

FREIRE, João Batista. Métodos de confinamento e engorda. (Como fazer render mais porcos, galinhas, crianças...) In: **Perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papyrus, 1992.

MEDINA, João Paulo Subirá. A Educação Física precisa entrar em crise. 9.ed. In: **A educação física cuida do corpo...e “mente”**. Campinas: Papyrus, 1990.

TUBINO, Manoel José Gomes. Do significado social do esporte às suas três dimensões. In: **Dimensões sociais do esporte**. 2.ed revista. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época).

RODRIGUES, Rogério. O desempenho do homem – massa nas práticas corporais esportivas – uma relação de amor e ódio. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. V.27, n. 1, set. 2005.